

VOZES DO POVO: O *VOLGARE* E O SURGIMENTO DA LÍNGUA FLORENTINA NA ITÁLIA MEDIEVAL

VOICES OF THE PEOPLE: THE *VOLGARE* AND THE EMERGENCE OF THE FLORENTINE LANGUAGE IN MEDIEVAL ITALY

VOCES DEL PUEBLO: EL *VOLGARE* Y EL SURGIMIENTO DE LA LENGUA FLORENTINA EN LA ITALIA MEDIEVAL

João Paulo Ribeiro Beraldo¹, Rerman Andriz de Oliveira Moreira Antequera²

DOI: 10.54899/dcs.v22i83.3535

Recibido: 05/09/2025 | Aceptado: 26/09/2025 | Publicación en línea: 08/10/2025.

RESUMO

Este artigo é um esforço conjunto, escrito a quatro mãos, e tem por intuito principal investigar a ascensão da língua vernacular (*volgare*) na Itália medieval, ao passo em que surgiam os povos ditos “bárbaros” no território antes pertencente ao Império Romano, em ruínas e suscetível a ataques e diferentes domínios, fragmentando-o nos países que vieram a se formar com o tempo. O texto foi, pois, dividido em duas frentes: a primeira, como uma breve reflexão ponderada, grosso modo, sobre a questão demográfica, apontando como esses povos se instalaram no ambiente romano e se apropriaram da língua e dos costumes romanos. A segunda é, de fato, o cerne desta pesquisa: compreender o que foi o *volgare*, sua dualidade com a língua latina e como alguns pensadores, a exemplo de Leonardo Bruni e Flavio Biondo, abordaram essa questão, discutindo se o *volgare* era realmente uma língua nova ou uma variação do latim antigo. O objetivo deste estudo é analisar a formação histórica e linguística do *volgare* toscano, destacando as influências sócio-históricas e o papel dos humanistas italianos na configuração da língua italiana.

Palavras-chave: *Volgare*. Língua Italiana. Latim. Humanismo.

ABSTRACT

This paper is a joint effort, write to four hands, and its main aim is inquire the rise of the vernacular language (*volgare*) in the medieval Italy, at the same time the people called “barbarians” emerged in the territory previously belonging to the Roman Empire, in ruins and susceptible to attacks and different dominions, fragmenting it into the countries that came to be formed over time. Therefore, the text was divided into two fronts: first, as a brief, thoughtful reflection, roughly speaking, about the demographical question, pointing out these germanic peoples settled in the roman environment and appropriated the roman language and customs. Second is, truly, the core of that research: comprise what the *volgare* was, its duality with latin

¹ Doutorando em Letras, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: joao.pauloberaldo@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3489-3199>

² Graduado em História, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca, São Paulo, Brasil. E-mail: rerman.andriz@hotmail.com

language and how some thinkers, like Leonardo Bruni and Flavio Biondo, approached that question, discussing if the *volgare* indeed was a new language or a old latin change-over. The objective of this study is to analyze the historical and linguistic formation of the Tuscan *volgare*, highlighting the socio-historical influences and the role of Italian humanists in shaping the Italian language

Keywords: *Volgare*. Italian Language. Latin. Humanism.

RESUMEN

Este artículo es un trabajo colaborativo de cuatro autores y su principal objetivo es investigar el auge de la lengua vernácula (*volgare*) en la Italia medieval, a medida que los llamados pueblos "bárbaros" surgieron en el territorio que antiguamente pertenecía al Imperio Romano, un territorio en ruinas y susceptible a ataques y diversas dominaciones, fragmentándolo en los países que surgieron con el tiempo. Por lo tanto, el texto se dividió en dos secciones: la primera, una breve y meditada reflexión, a grandes rasgos, sobre la cuestión demográfica, destacando cómo estos pueblos se asentaron en el entorno romano y se apropiaron de la lengua y las costumbres romanas. La segunda es, de hecho, el núcleo de esta investigación: comprender qué era el *volgare*, su dualidad con el latín y cómo algunos pensadores, como Leonardo Bruni y Flavio Biondo, abordaron esta cuestión, debatiendo si el *volgare* era realmente una nueva lengua o una variante del latín antiguo. El objetivo de este estudio es analizar la formación histórica y lingüística del *volgare* toscano, destacando las influencias sociohistóricas y el papel de los humanistas italianos en la configuración de la lengua italiana.

Palabras clave: *Volgare*. Lengua Italiana. Latín. Humanismo.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

BREVE ANÁLISE DEMOGRÁFICA NA FORMAÇÃO DO VOLGARE TOSCANO

Em 476, Rômulo Augusto, imperador romano, é deposto por Odoacro, guerreiro hérulo que servira no exército romano. Contudo, como aconteceu em outras regiões ocupadas pelos antigos federados germânicos, as instituições romanas, como o Senado, e a própria Igreja Calcedoniana³ – a despeito de Odoacro seguir o cristianismo ariano – mantiveram seus importantes papéis. Acerca deste evento Colin McEvedy⁴ comenta que:

³ O calcedonianismo, definido no Concílio de Calcedônia em 451 d.C., afirma que Jesus Cristo tem duas naturezas, divina e humana, unidas em uma só pessoa, rejeitando diversas heresias e consolidando a cristologia ortodoxa da Igreja. Entre essas heresias, o arianismo negava a plena divindade de Jesus, sustentando que Ele seria uma criatura criada pelo Pai e, portanto, inferior a Deus, o que foi repudiado pelo concílio. O cristianismo ariano foi a doutrina adotada pelos povos germânicos, como ostrogodos e lombardos.

⁴ MCEVEDY, Colin. Atlas de história medieval. Companhia das Letras. São Paulo, 2007

Enquanto na Gália o Império Romano desmoronava gradativamente, o centro italiano era extinto por um único ato administrativo. Em 476, o governante de fato da península, um general germano chamado Odoacro, decidiu dispensar os imperadores fantoches mantidos por seus predecessores. Oferecendo uma submissão formal e completamente inócua a Constantinopla, ele obteve a benção das autoridades orientais. O último imperador fantoche, atendendo pelo pungente nome de Rômulo Augusto, foi devidamente despachado, e Odoacro tornou-se o rei da Itália. (McEvedy, 2007, p. 22)

Após o término do reinado de Odoacro, a península itálica foi conquistada por outro grupo germânico, os ostrogodos. Teodorico, rei dos ostrogodos, sob os auspícios do Imperador Romano Oriental Zenão, eliminou Odoacro e estabeleceu sua corte em Ravena. Conforme aponta McEvedy:

Os romanos do Oriente não queriam ver um Estado germânico poderoso a estender ainda mais suas fronteiras. Fracos demais para desafiar Odoacro diretamente, encontraram um instrumento voluntário no ostrogodo Teodorico. Era um ardil inteligente: quer Odoacro ganhasse, quer perdesse, o Império Romano se livraria de um rol de *foederatii* rebeldes. Depois de uma dura guerra e de alguns estratagemas engenhosos, Teodorico emergiu como senhor de um reino ampliado da Itália (493). O novo poder godo estabeleceu-se na hora certa de prevenir o colapso do antigo. (McEvedy, 2007, p. 24)

Observando o mapa (**Figura 1**) a seguir, podemos ter um vislumbre acerca dos domínios ostrogóticos.

Figura 1 – Reino Ostrogótico c. 493. Nominalmente subordinado ao Império Romano do Oriente



Fonte: Wikipedia

Estas tribos germânicas, hérulos e rúgios sob o comando de Odoacro, assim como os ostrogodos sob a chefia de Teodorico, não tiveram uma presença massiva dentre a população do

norte da Itália, incluindo a região da Toscana, como indicado pelos estudos de genética populacional. Esses povos limitaram-se a algumas poucas regiões rurais e aos círculos da nobreza nascente.

Uma das melhores maneiras que os pesquisadores têm utilizado para a compreensão demográfica tem sido a genética de populações. Talvez, devamos defender nossa decisão de abordar o componente genético na formação da população e, conseqüentemente, da linguagem adotada. O latim, língua oficial de Roma e falada pelos povos da península itálica há séculos, já havia encontrado seu prestígio entre os povos germânicos dentro das fronteiras do império. É de se esperar que Odoacro, na altura da deposição de Rômulo Augusto, se comunicasse no idioma dos romanos. Entretanto, entendemos também que a pouca introdução do elemento populacional germânico – esta identificada por meio dos haplogrupos⁵ presentes na população do norte da Itália – possa ter tido alguma responsabilidade, ainda que pequena, sobre o fato de suas línguas terem sido preteridas e transformarem-se num superestrato⁶ do então românico em formação.

Exceptuando o período entre a conquista de Justiniano I, após a Guerra Gótica (535 – 554) e a invasão lombarda (568), em que toda a península itálica esteve sob o poder bizantino, a região da Toscana ainda seria governada por sucessíveis reinos de origem germânica ao longo do primeiro milênio. Entretanto, os lombardos foram aqueles que talvez mais tenham deixado rastros genéticos na população do norte da Itália, possivelmente por terem adentrado em maior número – estimativas sugerem por volta de 150 mil pessoas seguindo o rei Alboíno (Rovagnati, 2003) – mas, tão logo se integraram a população local, certamente adotando sua língua. Sobre esse assunto, Maciamo Hay em seu artigo eletrônico *Genetic history of the Italians*⁷ afirma que:

They were succeeded by the Lombards (568-774), who had to contend for the political control of Italy with the Byzantines. Like the Ostrogoths, the Lombards had invaded Italy from Pannonia and settled more densely in north-east Italy and in Lombardy, which was named after them. The Lombard capital was in Pavia, Lombardy. They set up many duchies, notably those of Friuli (based in Cividale), Trento, Tuscany (based in Lucca), Spoleto, Benevento, as well as in the major cities of Lombardy and Venetia. (Hay, 2017, s.p)

⁵ Haplogrupos são grupos de haplótipos, estes por sua vez são uma série de alelos de um cromossomo herdado de um único progenitor. Em genética populacional, os dois tipos de haplogrupos mais estudados são o DNA-Y, herdados do pai apenas em linha masculina, e o DNA mitocondrial, herdados da mãe.

⁶ É a língua do povo conquistador, que se introduz amplamente na área de outra língua, do povo conquistado, mas que não a substitui e pode deixar de existir naquela área, deixando, entretanto, marcada sua passagem por certos traços que permaneceram na língua do povo conquistado

⁷ HAY, Maciamo. *Genetic history of the Italians*. Eupedia, 2013 (atualizado em dez. 2017). Disponível em: https://www.eupedia.com/genetics/italian_dna.shtml#roman_empire_middle_ages. Acesso em: 10 jul. 2025

McEvedy, sob este evento, observa que:

Os romanos não tinham na Itália um exército que pudesse fazer frente aos lombardos no campo de batalha. Tudo o que podiam fazer era trancar-se nas cidades e esperar que os víveres dos invasores se esgotassem antes dos seus. De modo geral, essa linha de conduta funcionou razoavelmente bem no litoral, onde os romanos podiam introduzir suprimentos por mar, mas os resultados no interior foram desastrosos: os lombardos tomaram a maior parte do vale do Pó, toda a Toscana e boa parte da cadeia montanhosa da península. (McEvedy, 2007, p. 32)

No que diz respeito ao componente genético, o de origem lombarda é minoritário, pois segundo aponta Hay: “The genes of the Goths and the Lombards became quickly diluted into the Italian population owing to their relatively small number and their geographic dispersal in order to rule and administer their kingdom.” (Hay, 2017), seguindo um padrão semelhante ao de seus antecessores godos. Observemos, pois, o mapa (**Figura 2**) que contempla uma visão dos domínios lombardos àquele tempo.

Figura 2 – Península Itálica no século VII



Fonte: Wikipedia

Curiosamente é no sul da Itália que, como Hay observa, há um componente lombardo⁸ substancialmente maior, talvez indicando uma migração mais expressiva nos ducados da chamada Lombardia Menor (nomeadamente Benevento):

⁸ Os haplogrupos associados aos povos germânicos são: I1, R1b-U106 e I2a2a, todos originados em algum local entre o norte da Alemanha e a Escandinávia.

The DNA samples from Campobasso in Molise and Benevento in Campania can give a good idea of what proportion of each Germanic haplogroup the Lombards carried. Campobasso was founded by the Lombards but lost its importance after Lombard rule. Benevento was the seat of a powerful Lombard duchy. Among the Germanic haplogroups identified in Campobasso by Boattini et al. (2013) there were 16% of I1, 10.5% of R1b-U106 and 3.5% of I2a2a. No R1a was found. The same study reported 5.5% of R1a, 2.5% of I1, and 2.5% of R1b-U106 in Benevento. If we make the average, the Lombards seem to have had roughly 40% of I1, 30% of R1b, 25% of R1a and 5% of I2a2a, a frequency comparable to that of modern Sweden. (Hay, 2017, s.p)

Com estes resultados temos maneiras de inferir que estas populações, esparsas, se latinizaram, adotando a cultura e a linguagem da população conquistada, num processo que não fora exclusivo da Itália, tendo seus paralelos na Hispania e na Gália.

Após o domínio lombardo, o norte da península itálica foi conquistado pelo rei franco Carlos Magno, em 774. No que diz respeito ao componente populacional, diferentemente dos lombardos, Hay aponta que,

(...) the aim of the Franks was not to find a new homeland. Consequently, they did not migrate *en masse* to Italy. They only brought soldiers and administrators (not necessarily of Frankish descent, but also former Gallo-Romans), like the Romans had done when they expanded their empire. Their genetic print is therefore more elusive, although they surely increased a bit the proportion of I1 and R1b-U106. (Hay, 2017, s.p)

A partir da coroação de Carlos Magno como Imperador do Ocidente, em 800, o *Regnum Italicum* – entidade que abrangia a Toscana, ao menos oficialmente, até o século XI – passaria por uma série de administrações e divisões, culminando na criação da Marca da Toscana, em 846. É neste Estado, em meados do século X, que o *volgare* distinguiu-se da língua latina. Não mais havia, desde o fim do século VII com a vinda dos lombardos, migrações substanciais. Como ilustra o mapa (**Figura 3**) abaixo acerca das divisões fronteiriças do Sacro-Império.

Figura 3 – Península Itálica no ano 1000



Fonte: Wikipedia

O Cenário Linguístico do *Volgare*: Debates e Embates Teóricos

No início de 1435, em Florença, um grupo de renomados humanistas italianos – Leonardo Bruni, Biondo Flavio, Antonio Loschi, Cencio Rustici, Andrea Fiocchi e Poggio Bracciolini – travou um debate fundamental para a história da linguística italiana. Enquanto aguardavam audiência com o Papa Eugênio IV, discutiram qual seria a língua falada pelo povo comum na Roma Antiga. Segundo Mirko Tavoni⁹, “Loschi, Rustici and, above all, Bruni supported the idea that a kind of *vulgaris sermo* was characteristic of the *illitterati*, and that it must have been as sharply distinct from the *litteratus sermo* as the vernacular of their own times was distinct from the Latin of clerks and scholars” (Tavoni, p. 23). Biondo e Poggio, por outro lado, continua

⁹TAVONI, Mirko. **The 15th-century controversy on the language spoken by the Ancient Romans: An Inquiry into Italian Humanist Concepts of ‘Latin’, ‘Grammar’, and ‘Vernacular’**. In: RAMAT, Paolo; NIEDEREHE, Hans-Josef; KOERNER, E.F.K. (org.). *The History of Linguistics in Italy*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1989. p. 23-38. Disponível em: https://www.benjamins.com/catalog/hl.9.3.02tav?srsId=AfmBOopW5hGG8FnomTZqzU2NE2cwZs6_MwHls16A1A2k77KuIcfCOqh_ Acesso em 28 abr. 2025

Tavoni:

(...) could not be persuaded that the populace, in that happy age, had not used the same kind of language which was used by orators and writers. Latin was the language of the whole society, an integrity not compromised by the obvious distinctions in lexical quality and style, depending on the different cultural levels of the various speakers.” (Tavoni, 1989, p. 23)

Bruni defendia uma separação clara entre o latim culto e uma forma vulgar, mas não afirmava que o *vulgaris sermo* da Roma Antiga era o mesmo que o italiano moderno. Seu argumento era que, assim como em sua época, havia uma distinção social e funcional entre as línguas: “Ego autem, ut nunc est, sic etiam tunc distinctam fuisse vulgarem linguam a litterata existimo¹⁰” (Bruni apud Tavoni, 1989, p. 24). Para Bruni, o *vulgaris sermo* era caracterizado essencialmente por ser *ungrammatical*¹¹ (Tavoni, p. 24), sem uma descrição positiva de suas características. Biondo, por sua vez, rejeitava a ideia de duas línguas separadas. Baseando-se em fontes retóricas como Cícero, argumentava que o latim era uma língua única, com gradações internas:

Central to his argument is the idea that the Latin community was internally graduated by steps rising from the linguistic usage of common people to that of orators and poets, an idea explicitly derived from the well-known tripartite division, established by handbooks of rhetoric, into tenue, mediocre and grave genus” (Tavoni, 1989, p. 25).

Neste contexto, Luiz Antônio Lindo¹² defende que no Renascimento italiano, a discussão sobre a origem e natureza da língua vernácula atingiu um ponto crucial. Dois grupos de pensadores se formaram: um defendia que o italiano era uma língua completamente nova e distinta do latim; o outro via o vernáculo como uma continuação do latim, apenas transformado pelas circunstâncias históricas. Ambos os lados concordavam quanto à origem latina das línguas românicas, mas divergiam sobre o processo de transformação. Lindo explica sua escolha dos termos, onde, segundo ele “Tomando emprestado do vocabulário aristotélico os termos para designar essas categorias de transformação, chamemo-las de *generatio* e de *alteratio*,

¹⁰ **Tradução livre:** “Eu, porém, assim como agora, também naquela época considero que a língua vulgar era distinta da língua culta”.

¹¹ Algo não gramatical, sem gramática.

¹² LINDO, Luiz Antônio. *Alteratio e generatio: duas visões renascentistas sobre a produção de língua vernácula*. In: LINDO, Luiz Antônio. *Estudos e traduções à margem da filologia*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023. p. 104–120. Disponível em: https://letra.fflch.usp.br/sites/letra.fflch.usp.br/files/inline-files/Estudos%20e%20tradu%C3%A7%C3%B5es%20%C3%A0%20margem%20da%20filologia_vf.pdf. Acesso em: 27 abr. 2025.

respectivamente” (Lindo, p. 105). Em resumo, podemos definir *alteratio* como a língua italiana sendo o resultado de uma modificação progressiva do latim, mantendo parte de suas propriedades originais; e, por sua vez, no caso da *generatio*, o italiano seria uma criação nova, surgida a partir de uma ruptura com o latim.

Dentro dos debates acerca do “nascimento” de uma nova língua, grosso modo, já ocorria no período da Renascença italiana, no meio acadêmico, mais especificamente entre os humanistas, um embate que colocava a língua latina e a *volgare* em confronto. Segundo Tavoni, o desencontro entre Bruni e Biondo se deve, em parte, ao fato de não compartilharem os mesmos pressupostos sobre “latim” e “vernáculo”: “Bruni and Biondo were destined to misunderstand each other to some extent also because they did not share the same presuppositions about what 'Latin' and 'vernacular' stood for” (Tavoni, p. 25). Bruni ainda estava preso à ideia medieval de que “grammar, that is Latin, [is] a product of art irreconcilably opposed to those natural, native and unregulated languages which are the vernaculars” (Tavoni, p. 25). Já Biondo, mesmo relutante, reconhece que o vernáculo possui estrutura gramatical: “Though somewhat reluctantly, Biondo is led by his own argument to recognize that even the most corrupt vernacular is by its nature capable of expressing relations in terms of tenses, cases, and moods” (Tavoni, p. 27).

O reconhecimento da estrutura do vernáculo abriu caminho para obras como a primeira gramática do italiano, escrita por Leon Battista Alberti, provavelmente entre 1437 e 1441. Tavoni destaca que Alberti, diferentemente de Bruni, era um verdadeiro defensor do vernáculo:

Just because Alberti, unlike Bruni, was a true supporter of the cause of the vernacular, he realized that this cause might be supported starting from Biondo's, not Bruni's view. The fact that ancient writers had used the common language of their fellow-citizens in writing their works was the fact that Alberti proposed to the writers of his own time for imitation (Tavoni, 1989, p. 28)

No final do século XVI, o debate se intensificou com a aceitação de que o latim estava morto e o “italiano” era a língua viva. Alessandro Citolini, em 1540, já afirmava acerca dessa dualidade provocada pelos humanistas “(...) eles falam destas duas línguas em termos de igualdade e não percebem que a latina está morta e sepultada nos livros; e que a vulgar está viva e ocupa agora na Itália o mesmo lugar que ocupou a latina quando vivia.” (Citolini, 1540, apud Lindo, 2023, p. 105). Essa distinção entre língua viva e morta levou os filólogos a buscarem critérios para diferenciar as duas linguagens. Como resume Faithfull, citado por Lindo: “o conflito entre estes dois pontos de vista constitui o dualismo essencial da filologia vernacular do Cinquecento.” (Faithfull, 1953, p. 289, apud Lindo, 2023, p. 106).

Lindo, seguindo Faithfull, classifica os dois campos como “humanista” (ou arcaizante) e “vitalista” (ou antiarcaizante). Os humanistas, como Pietro Bembo e Pico della Mirandola, defendiam a imitação do latim clássico e do florentino arcaico. Os vitalistas, como Citolini, Gelli e Marcellino, defendiam a autonomia e vitalidade do vernáculo contemporâneo. O sucesso do vernáculo, observa Lindo, “correu de par com a ascensão do ‘vitalismo’” (Lindo, p. 106).

A discussão sobre o vernáculo se intensificou justamente quando este passou a ameaçar o domínio do latim como língua de cultura. Era preciso explicar como se deu a passagem do latim para as novas línguas. A posição da *generatio* foi a que mais se consolidou, especialmente entre os filólogos vernáculos. Claudio Tolomei, em seu tratado *Il Cesano* (1554), defende que a corrupção do latim gerou uma língua nova, o toscano, que se emancipou da matriz latina. Tolomei argumenta:

Todas as línguas, que da corrupção nasceram, continuam a ser no novo nascimento imagem e sinal da língua corrompida, o que mais que qualquer outra coisa se manifesta nos vocábulos; caso contrário, se nenhum indício ou vestígio daquela permanecesse, antes diríamos que aquela teria desaparecido e por um milagre criada, ao não se conhecer a matéria daquela convertida e transformada na outra. (Tolomei, 1554, p. 64 apud Lindo, 2023, p.108)

Assim, Tolomei reconhece que a evolução das línguas é um processo contínuo, onde sempre há uma ligação entre a língua antiga e a nova. Tolomei destaca a originalidade do toscano:

Parece-me certo que ela tenha poucas semelhanças com a romana, e muitas diferenças, e tal falar foi gerado de tal corrupção que não menos próprio se deve julgá-lo que qualquer outro, que tenha nascido da destruição de outras línguas. Se bem que, se olharmos bem para o nosso idioma toscano, veremos que possui certas riquezas, que o tornam inteiramente senhor de si mesmo, nem o deixam tão sujeito à autoridade da língua latina quanto alguns creem. (Tolomei, 1554, p. 65 apud Lindo, 2023, p. 108)

Com isso, Tolomei valoriza a singularidade e a independência do idioma toscano, reconhecendo sua capacidade própria de expressão e desenvolvimento, além de sua origem histórica ligada, mas distinta, ao latim. E conclui:

(...) nenhuma destas escolas segue o caminho dos latinos, mas percorre um itinerário que é seu e próprio; na ordem das palavras de uma e de outra notam-se diferença e desconformidade: que certamente terá os olhos fracos aquele que não vir ser esta por si mesma própria, nem que daquela não descende, senão em pouquíssima parte (...) (Tolomei, 1554, p. 75 apud Lindo, 2023, p. 109)

Tolomei rejeita a noção de que a língua toscana seja "meramente vulgar", defendendo seu

prestígio e legitimidade, especialmente quando usada pelos letrados, que elevam a língua a um patamar de sofisticação e cultura, ao afirmar que:

Quem não sabe que o nome de vulgo traz consigo nome de ignorância, e erro? Quem não vê que sempre os homens cultivados são muito diferentes e se distinguem do vulgo? Quem não sabe que as pessoas letradas são as que maior mérito conferem a nossa língua? Como, pois, poderá ser chamada meramente vulgar? (Tolomei, 1554, p. 90 apud Lindo, 2023, p. 110)

A discussão humanista sobre a transformação do latim em línguas vernáculas foi fundamental para o desenvolvimento da filologia e da linguística histórica. Os humanistas buscaram critérios para compreender a mudança linguística e a origem das línguas românicas, estabelecendo bases para a linguística românica moderna. Lindo ressalta:

Empenhados em estabelecer critérios para se entender o problema da mudança linguística - recorrente quando se procura desvendar a origem do vulgar românico a partir do latim -, os humanistas ajudaram a esclarecer certos aspectos ligados à descrição da filogenia dos romances e à constituição do objeto da linguística românica e da linguística histórica tal como ainda são estas disciplinas praticadas nos dias de hoje. (Lindo, 2023, pp. 106 – 107)

Permanência e Ruptura Linguística

Segundo os apontamentos conferidos a Tavoni, o debate – oriundo do período do Renascimento italiano, a respeito do surgimento do vernáculo – polarizou-se em duas posições. De um lado, Bruni, Loschi e Rustici defendiam que existia, já na Antiguidade, uma clara separação entre o latim culto (*litteratus sermo*) e uma forma vulgar (*vulgaris sermo*), assim como na Itália do século XV havia o latim dos eruditos e o vernáculo popular. Tavoni resume:

Loschi, Rustici and, above all, Bruni supported the idea that a kind of *vulgaris sermo* was characteristic of the *illitterati*, and that it must have been as sharply distinct from the *litteratus sermo* as the vernacular of their own times was distinct from the Latin of clerks and scholars (Tavoni, 1989, p. 23)

Do outro lado, Biondo Flavio e Poggio Bracciolini rejeitavam essa cisão. Para eles, toda a sociedade romana falava latim, com variações de estilo e vocabulário, mas sem uma separação radical entre línguas. Mirko Tavoni¹³ contextualiza o Humanismo e o Renascimento aos séculos

¹³ TAVONI, Mirko. **Umanesimo e Rinascimento, lingua dell’**. In: Enciclopedia dell’Italiano. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 2011. Disponível em: <https://ppl-ai-file-upload.s3.amazonaws.com/web/direct->

XV e XVI, período crucial para o surgimento e consolidação das línguas nacionais na Europa Ocidental. O autor destaca que:

È questa l'epoca, in Italia come negli altri paesi dell'Europa occidentale, dell'emergere delle lingue nazionali: l'italiano, il francese, lo spagnolo, il portoghese, l'inglese e il tedesco si affermano – ognuno con dinamiche storiche diverse – come lingue di cultura competitive con il latino” (Tavoni, 2011, p. 1)

Esses idiomas passam por um processo de codificação gramatical que os transformam em línguas nacionais, mesmo em contextos sem unidade política, como a Itália, onde, por exemplo, o ducado de Saboia adotou o dialeto toscano como oficial em 1562.

O fator determinante para essa transformação, segundo Tavoni, foi a invenção da imprensa: “Il singolo evento storico che più di ogni altro ha dato impulso a questo processo è stato l'invenzione e l'affermazione della stampa” (Tavoni, p. 1). Na ausência de um Estado centralizador, como havia em outros países, a imprensa desempenhou na Itália um papel fundamental ao

(...) agire come motore di unificazione linguistica, perché fa cadere i confini di diffusione del libro manoscritto, che coincidevano con quelli delle lingue di koinè regionali, impone che il mercato unificato del libro si estenda sull'intero territorio ‘dove il si suona’, e con ciò obbliga il volgare di ‘si’ a diventare lingua italiana (Tavoni, 2011, p. 1)

Além disso, eventos traumáticos como a invasão de Carlos VIII da França (1494), o Saque de Roma (1527) e o Tratado de Cateau-Cambrésis (1559) alteraram profundamente a percepção política e cultural da Itália. Tavoni observa que:

Il sistema policentrico dell'Italia del Quattrocento, nel quale era fiorito lo straordinario sviluppo economico, mercantile, culturale, letterario e artistico dell'Italia, è distrutto. L'egemonia culturale dell'Italia in Europa persiste per molti decenni dopo che le sue basi materiali sono state spazzate via. (Tavoni, 2011, p. 2)

Latim x Vernáculo: Rivalidade e Transformação

É importante destacar que Tavoni faz uma breve reflexão acerca do nascimento do italiano, destacando que o século XV foi marcado pela supremacia do latim como língua de

cultura, especialmente devido ao movimento humanista, que “esalta il latino e deprime il volgare come lingua di cultura” (Tavoni, p. 3). Fora da literatura, no entanto, o vernáculo expandia-se em usos administrativos, comerciais e religiosos. Para os humanistas mais radicais, o vernáculo era apenas “la varietà bassa, non grammaticale, del latino” (Tavoni, p. 3).

A crise do vernáculo no *Quattrocento* estava em sua “polimorfia regionale, nella sua mancanza di codificazione, insomma nel suo essere lasciato a sé stesso, in uno stato di dispersione, di inferiorità rispetto al latino e di disinteresse da parte dei letterati” (Tavoni, p. 3). Esse quadro muda no início do *Cinquecento*, quando o vernáculo passa a atrair grandes escritores e se torna objeto de intensa reflexão teórica e codificação gramatical. Segundo Tavoni, “nel corso di questo processo, gradualmente il volgare diventa l’italiano” (Tavoni, p. 3).

A padronização do italiano foi marcada por debates sobre o nome e o modelo da língua (*volgare, fiorentino, toscano, italiano*), reflexo do policentrismo cultural e da ausência de unidade política. O resultado foi a transformação do vernáculo polimorfo do *Quattrocento* no italiano unificado do segundo *Cinquecento*, “unificato dalla teoria bembiana, dalla prassi editoriale, dalla generale convergenza dei letterati sul modello dei grandi trecentisti” (Tavoni, p. 3).

Observemos o mapa (**Figura 4**) a seguir para contemplarmos um panorama político da península itálica no *Quattrocento*.

Figura 4 - Península itálica no *Quattrocento*



Fonte: Wikipedia

VOLGARE E O SUPERESTRATO GERMÂNICO

Como abordamos inicialmente, para além do baixo número de germânicos que entraram na região do vale do rio Pó, o latim já se consolidara como língua de prestígio em todo o território ocidental do Império Romano – a *România* - não sendo diferente entre os povos germânicos federados ou que viviam nas fronteiras, que não tardaram a adotar o idioma dos habitantes românicos. Seus idiomas, eclipsados pelo falar latino, deixaram alguns traços, tornando-se um superestrato naquilo que viria a ser a língua italiana.

Dentre o léxico italiano com origem germânica, podemos observar alguns exemplos presentes no quadro a seguir:

Quadro 1 - Comparativo de palavras

Palavra italiana	Origem germânica	Equivalente latino	Português
<i>guerra</i>	<i>werra</i>	<i>bellum</i>	guerra
<i>ricco</i>	<i>riks</i>	<i>divitis</i>	rico
<i>bianco</i>	<i>blank</i>	<i>albus</i>	branco/alvo
<i>schermo</i>	<i>skirm</i>	<i>scutum</i>	escudo
<i>rospo</i>	<i>hruspa</i>	<i>rana</i>	sapo/rã
<i>spalto</i>	<i>spalta</i>	<i>fossa</i>	fossa/fosso
<i>straccare</i>	<i>strack</i>	<i>scindere</i>	rasgar
<i>truppa</i>	<i>trupp</i>	<i>turma</i>	tropa
<i>scherzare</i>	<i>skirmen</i>	<i>ludere</i>	brincar
<i>strozzare</i>	<i>strotzen</i>	<i>stringere</i>	apertar
<i>falco</i>	<i>falko</i>	<i>falco</i>	falcão
<i>riccio</i>	<i>richo</i>	<i>erinaceus</i>	ouriço

Fonte: Antequera; Beraldo, 2025

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tavoni detalha como diferentes “agências” promoveram o uso do vernáculo fora do âmbito literário: “Le principali ‘agenzie’ che nel corso del Quattrocento, in ambito extraletterario, operano espandendo gli ambiti di uso del volgare, con ciò consolidandolo, sono le cancellerie degli Stati regionali [...] la Chiesa e i movimenti religiosi [...] i mercanti [...] e, collegati ad essi da un’affine identità culturale, gli artigiani e i tecnici” (Tavoni, 2011, p. 2).

As chancelarias, compostas por notários e humanistas com sólida cultura latina, quando escreviam em vernáculo, produziam textos de alto nível, aproximando o vernáculo do modelo latino e toscano. “La scrittura delle cancellerie è la punta più avanzata della smunicipalizzazione del volgare in ambito extraletterario” (Tavoni, 2011, p. 2). Já os mercadores, por meio de cartas

e livros de memória familiar, consolidaram uma escrita *mercantesca* exclusivamente vernácula, mas menos influente no processo de unificação linguística.

Em contrapartida, James Hankins¹⁴ aponta que, durante o Renascimento, houve uma retomada da língua grega como parte do florescimento do sistema educacional humanista, cujos membros realizaram um resgate de obras de origem grega. Este fato foi impulsionado tanto pelo deslocamento de estudiosos bizantinos para a Itália, quanto pela nova valorização humanista das fontes clássicas. Por isso, podemos dizer que, naquela época, os humanistas valorizavam não só o latim, mas também o grego, considerando-os línguas importantes para a cultura e o conhecimento. Isso contrastava com a visão que tinham das línguas vernaculares – chamadas de *volgare* –, que eram consideradas por eles menos relevantes e inferiores, por não terem o mesmo prestígio das línguas cultas e de elite.

A Igreja, por sua vez, teve papel ambíguo: enquanto movimentos religiosos e a pregação popular expandiam o uso do vernáculo, o Concílio de Trento (1545-1563) “vietando la traduzione in volgare della Scrittura e della liturgia, fa mancare un importantissimo impulso [...] all’alfabetizzazione volgare di massa e al conguaglio linguistico su scala nazionale” (Tavoni, 2011, p. 2).

O desenvolvimento literário do vernáculo se dividiu entre a Toscana e o restante da Itália. Na Toscana, o vernáculo literário se identificava com a língua materna dos escritores, como se vê em Alberti e Palmieri. “In particolare Alberti è una straordinaria figura mista di umanista-artista, che tenta invano, attraverso varie iniziative militanti, di legittimare la lingua viva dei ceti operosi presso l’ambiente umanistico” (Tavoni, 2011, p. 4).

A poesia narrativa em *ottave* e a poesia popular *fiorentina* valorizavam a naturalidade do *fiorentino*, enquanto a poesia de Poliziano misturava formas latinas e *fiorentinas* contemporâneas (Tavoni, p. 4). Nas cortes do norte, centro e sul da Itália, havia uma dialética entre o vernáculo local, o modelo latino e o modelo toscano, levando a experimentações e hibridismos linguísticos. Tavoni mostra que o processo de afirmação do italiano como língua de cultura foi marcado por uma combinação única de excelência literária e ausência de unidade política. O italiano se tornou língua nacional não por força estatal, mas pela convergência cultural, pela tradição literária e pelo papel central da imprensa. Como sintetiza o autor: “La progressiva affermazione del volgare a

¹⁴ HANKINS, James. *Lo studio del greco nell’Occidente latino*. In: SETTIS, Salvatore (org.). **I Greci. Storia, cultura, arte, società. I Greci oltre la Grecia**. Torino: Einaudi, 1996. p. 1245-1250.

scapito del latino va di pari passo con la sua codificazione, ovvero con la sua trasformazione in italiano, che lo fa assurgere a lingua di pari regolarità e pari dignità” (Tavoni, 2011, p. 3).

Podemos concluir que o caminho para o estabelecimento para uma língua italiana fora multifatorial, envolvendo diversos agentes que não estavam necessariamente subordinados a um poder central. As discussões em que pensadores se digladiaram academicamente acerca do existir ou não de algo novo, fez-se um importante aspecto comprobatório das variantes linguísticas a partir do latim, com base nas influências concernentes aos povos “bárbaros”, ainda que circunstanciais, daquilo que ficou conhecido como *volgare*. De fato, supomos, por meio das leituras realizadas, que esse termo era usado pelos humanistas italianos como um modo de depreciar essa nova língua como algo de baixo teor, digna de exclusão, sendo ao latim dado todo louvor cabível por sua “origem nobre”, advinda da Antiguidade romana (seus oradores, poetas, políticos, tais como Cícero, resgatado por Petrarca no *Quattrocento*).

Ao fim e ao cabo, o que temos? Uma enorme variabilidade linguística, as línguas românicas, tais como o português, o espanhol, o próprio italiano, o romeno, que possuem em seu cerne o latim, a raiz principal dessas ramificações. O latim ficou, por assim dizer, reduzido aos âmbitos eclesiástico, jurídico e científico.

REFERÊNCIAS

HANKINS, James. *Lo studio del greco nell'Occidente latino*. In: SETTIS, Salvatore (org.). *I Greci. Storia, cultura, arte, società. I Greci oltre la Grecia*. Torino: Einaudi, 1996. p. 1245-1250

HAY, Maciamo. *Genetic history of the Italians*. Eupedia, 2013 (atualizado em dez. 2017). Disponível

em: https://www.eupedia.com/genetics/italian_dna.shtml#roman_empire_middle_ages. Acesso em: 10 jul. 2025

LINDO, Luiz Antônio. **Alteratio e generatio: duas visões renascentistas sobre a produção de língua vernácula**. In: LINDO, Luiz Antônio. *Estudos e traduções à margem da filologia*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023. p. 104–120. Disponível em:

https://letra.fflch.usp.br/sites/letra.fflch.usp.br/files/inline-files/Estudos%20e%20tradu%C3%A7%C3%B5es%20%C3%A0%20margem%20da%20filologia_vf.pdf. Acesso em: 27 abr. 2025

MCEVEDY, Colin. **Atlas de história medieval**. Companhia das Letras. São Paulo, 2007

ROVAGNATI, Sérgio. **I Longobardi**. Milão: Xenia. 2003

TAVONI, Mirko. **The 15th-century controversy on the language spoken by the Ancient Romans: An Inquiry into Italian Humanist Concepts of ‘Latin’, ‘Grammar’, and**

‘Vernacular’. In: RAMAT, Paolo; NIEDEREHE, Hans-Josef; KOERNER, E.F.K. (org.). *The History of Linguistics in Italy*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1989. p. 23-38. Disponível em:
https://www.benjamins.com/catalog/hl.9.3.02tav?srsltid=AfmBOopW5hGG8FnomTZqzU2NE2cwZs6_MwHls16A1A2k77KuIcfCOqh_ Acesso em 28 abr. 2025

TAVONI, Mirko. **Umanesimo e Rinascimento, lingua dell’.** In: *Enciclopedia dell’Italiano*. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 2011. Disponível em: https://ppl-ai-file-upload.s3.amazonaws.com/web/direct-files/attachments/44457832/630ad0c9-8607-4c50-96eb-2e891381a399/Tavoni_Lingua-dell-Umanesimo-e-Rinascimento.pdf. Acesso em: 2 maio 2025.